



Manifesto da Conferência Sudeste/Sul

À classe operária, aos demais trabalhadores e à juventude oprimida

A VIII Conferência Regional Sudeste/Sul, de 8 de fevereiro de 2025, se realiza nas condições de abrupto agravamento da crise mundial. Trump tomou posse em 20 de janeiro, divulgando centenas de decretos que, de conjunto, constituem um programa governamental de ataque à vida dos trabalhadores norte-americanos, de agressão a países concorrentes, de recrudescimento da opressão imperialista sobre as nações oprimidas e de ameaça de intervenção militar.

No dia seguinte à posse, Trump iniciou a prisão e expulsão de milhares de imigrantes, anunciou a elevação das tarifas de importação a países como México, Canadá e China, reafirmou o objetivo de se aposar da Groelândia e indicou que o Canal do Panamá deve estar sob o controle dos Estados Unidos. Assinalou que a Europa deve se alinhar à guerra comercial dos Estados Unidos contra a China, e que a OTAN tem de elevar em 5% a contribuição dos países membros ao seu orçamento militar. Aos países que resistirem às decisões dos Estados Unidos, ameaçou com retaliações, principalmente aos mais débeis e dependentes do capital financeiro e monopolista norte-americano. É o que fez com o México e o Canadá, apresentando-os como exemplo. A China, na condição de potência econômica, respondeu elevando as taxas de determinados produtos fundamentais para ramos da produção dos Estados Unidos. Espera-se a reação de Trump, no sentido de aumentar as tensões da guerra comercial em curso.

A repatriação de imigrantes deu o primeiro sinal de conflito com a resistência do governo colombiano em aceitar as condições ditadas pela Casa Branca. O presidente Gustavo Petro teve de recuar em sua posição diante das ameaças de Trump. O presidente Lula lamentou a forma “desumana” como os brasileiros foram deportados sob algemas e humilhações, sem, contudo, reagir praticamente. Trump foi mais longe ao reativar a prisão de Guantánamo, montada em território cubano, cuja história é de torturas e assassinatos de prisioneiros da jihad islâmica. O secretário de governo, Marco Rubio, recebeu a proposta do sanguinário Nayib Bukele, presidente de El Salvador, de acolher prisioneiros provenientes dos Estados Unidos, de forma a aumentar o orçamento prisional. El Salvador sedia a maior prisão da América Latina - Centro de Confinamento Contra o Terrorismo (Cecot) -, cujos métodos de tratamento dos detentos se assemelham aos campos de concentração nazistas.

Esse país, um dos mais atrasados da América Latina, retrata a decomposição do capitalismo e o avanço da barbárie social.

Não é, portanto, um fato inesperado a retirada dos Estados Unidos do Conselho de Direitos Humanos da ONU e a suspensão do financiamento à UNRWA, uma agência de assistência aos refugiados palestinos. Trump põe em prática sua política republicana, que se diferencia em aspectos da política dos democratas. No fundamental, ambas as variantes representam os interesses da burguesia norte-americana e a

dominação imperialista. Trump pretende ser mais incisivo e abrangente agindo, ao mesmo tempo, em várias frentes com a política de dominação do capital monopolista e financeiro. Mas, o seu epicentro se encontra no enfrentamento à China, que vem ganhando projeção econômica em todo o mundo, e, em particular, na América Latina, que historicamente se constituiu como “quintal” dos Estados Unidos.

Trump está determinado a preparar as condições para uma confrontação de grande magnitude com a China e Rússia. É inaceitável à maior potência mundial que a China lidere um movimento de independência diante das determinações dos Estados Uni-

dos, nas condições em que se agudizam os choques entre as forças produtivas e as relações de produção, e daquelas com as fronteiras nacionais. Trump aponta o dedo em riste ao BRICS. A hegemonia norte-americana edificada após a Segunda Guerra não pode ser posta em questão pela ascensão da China.

É nesse marco que se deve compreender o programa de Trump, sustentado pela diretriz “América em Primeiro Lugar” e pelo objetivo de recuperar o terreno que vem sendo perdido nas duas últimas décadas.

No dia 4 de fevereiro, Trump recebeu o primeiro-ministro de Israel, Netanyahu, cujo comunicado à imprensa foi de ataque frontal à luta dos palestinos pelo fim da carnificina na Faixa de Gaza e pelo direito de sua autodeterminação. O presidente dos Estados Unidos expôs, sem meias palavras, a sua intenção de ocupar a Faixa de Gaza, expulsar os palestinos e impor um ordenamento de acordo com o poder do dinheiro e das armas. Deixou claro que chegou a hora de aproveitar o enfraquecimento do Irã e de seus aliados nacionalistas, para retomar o acordo de Abraão e realinhar as forças da feudal-burguesia árabe em tor-



no ao objetivo de fortalecer ainda mais o poder militar do Estado sionista de Israel.

No Oriente Médio, os Estados Unidos vêm agindo sistematicamente para afastar a influência da Rússia – influencia essa herdada da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – e, principalmente, da China, que tem se projetado na região, tentando reduzir o precipício criado entre a Arábia Saudita e Irã. A derrubada do governo sírio, Bashar al-Assad, foi um dos últimos acontecimentos que serviram à política imperialista dos Estados Unidos e colonialista do Estado de Israel.

Trump assumiu a presidência justamente no momento em que as forças de resistência nacionalista à dominação norte-americana e à política anexadora desenvolvida pelo sionismo se retraíram. Aproveitou para impor o acordo de cessar-fogo em três fases entre Israel e o Hamas, com a perspectiva de colocar a Faixa de Gaza sob seu controle. Esse passo favorável aos Estados Unidos e à Israel serve à estratégia de preparar uma confrontação aberta com a China.

O imperialismo norte-americano conta a seu favor com a subserviência das feudais-burguesias árabes e com a ausência de um movimento revolucionário impulsionado pela maioria oprimida, sob a direção da classe operária. Essa é a contradição que ganhará corpo diante das ações de Trump.

Trump prometeu acabar com a guerra na Ucrânia rapidamente. Essa questão, no entanto, ficou em segundo plano, por enquanto. Acenou com a possibilidade de os Estados Unidos mediarem um acordo entre Zelensky e Putin. Tudo indica que Trump pretende manter a China à margem, embora tenha apresentado uma proposta de discussão sobre o fim da guerra, proposta esta apoiada pelo governo Lula. Ao completar três anos de guerra, os Estados Unidos e a aliança europeia não puderam evitar a derrota da Ucrânia, sem que a OTAN interviesse diretamente e levasse a generalização do confronto a toda a Europa. Trump necessita de um acordo, ainda que provisório, já que seu governo prepara um choque de grande magnitude com a China.

O programa que responde à guerra de dominação e à opressão nacional é o da revolução social. E a tática que corresponde é a da organização da frente única anti-imperialista sob a política revolucionária do proletariado. Ganhará importância no próximo período as bandeiras de “Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio” e “Por uma República Socialista da Palestina”. Quanto à Ucrânia, a bandeira do proletariado é a de uma paz sem anexação, sob um governo revolucionário do proletariado, assentado na maioria oprimida ucraniana.

Os primeiros sintomas de resistência emergiram no movimento mundial contra o genocídio na Faixa de Gaza e pelo fim da guerra de intervenção do Estado sionista. O que não ocorreu diante da guerra na Ucrânia, ainda que tenha havido, no início, manifestações pontuais na Europa. O movimento de defesa da autodeterminação da Palestina deve ser retomado, ampliado e fortalecido no combate aos objetivos de dominação apresentados pelo governo Trump. A potenciação dessa resistência certamente se refletirá nos explorados da Ucrânia, Rússia e demais países europeus.

Nos Estados Unidos, a contestação nas ruas, ainda que minoritária, à expulsão dos imigrantes e as manifestações no Panamá contra as imposições do imperialismo norte-americano, e contra a sujeição do governo José Raúl Mulino, são indicações do curso que deverão tomar os explorados. No Brasil, está colocado reerguer o movimento de defesa da autodeterminação do povo palestino. É importante assinalar de passagem as manifestações na Alemanha contra a aliança entre o partido União Democrata-Cristã (CDU) e o partido de ultradireita Alternativa para a Alemanha (AfD) em torno ao projeto anti-imigrantes.

Trump encarna as tendências fascizantes que vêm se potenciando na Europa e se organizando na América Latina. O enfrentamento a essa tendência política depende de a classe operária e sua vanguarda com consciência de classe colocarem em pé a luta anti-imperialista, sob o método e a estratégia da revolução social, que, por sua natureza de classe, é proletária.

É nesse marco da crise mundial que se configura a crise nacional no Brasil, bem como em toda a América Latina. Poucos dias antes do início da VIII Conferência Regional Sudeste/Sul do Partido Operário Revolucionário (POR), se elegeram os novos presidentes do Senado e da Câmara de Deputados, fortalecendo ainda mais o poder dos velhos partidos da burguesia, a subserviência do governo Lula e do PT, e a presença dos partidos oligárquicos no governo de frente ampla. A impotência do nacional-reformismo petista e dos aliados de esquerda favorece o predomínio das forças burguesas de direita e ultradireita.

A política de Lula de manter as contrarreformas de Temer e Bolsonaro, bem como promover suas próprias contrarreformas, empurram as camadas mais empobrecidas da classe média para o lado da reação. A colaboração da burocracia sindical com o governo de frente ampla, por sua vez, atravança a revolta e a luta da classe operária. A crise econômica e social se manterá em linha ascendente, condicionada pela crise mundial e pela ofensiva do imperialismo norte-americano sob a direção de Trump. Está claro que o governo Lula não tem capacidade para usar a potencialidade do Brasil contra os ataques do capital monopolista e financeiro, desfechados desde o exterior e potenciados internamente. A luta sob a bandeira de “Oposição Revolucionária” ao governo burguês de Lula vem norteando a política do POR e a defesa do programa de reivindicações próprias dos explorados por meio da ação direta e da organização independente.

As Conferências Regionais do POR do Sudeste/Sul e do Nordeste encarnam a tarefa de organizar os explorados no terreno da independência de classe, sob a estratégia da revolução social e da tática da frente única anti-imperialista. Colocam-se pela tarefa de superar a crise de direção, fortalecendo o Comitê de Enlace pela Reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

**Viva a VIII Conferência do POR do Sudeste/Sul!
Toda força à construção nacional do POR!**